



Traços existenciais e soteriológicos do conto “A orquídea da exposição”, de Astrid Cabral



*Daniel Cavalcanti Atroch**

*Nícia Petreceli Zucolo***

Resumo

Objetivamos, neste artigo, identificar e analisar, no conto “A orquídea da Exposição”, de Astrid Cabral, aspectos do existencialismo de Jean-Paul Sartre, discerníveis na trajetória da personagem central, e a evocação da “Árvore da Vida”, símbolo do domínio da soteriologia, objeto de estudo, dentre outros temas, do historiador Mircea Eliade.

Palavras-chave: Literatura amazonense. Existencialismo. História das religiões.

Abstract

In this article, we aim to identify and analyze in “The Exposition Orchid” short story, by Astrid Cabral, aspects of Jean-Paul Sartre’s existentialism, discernible in the trajectory of the central character, and the evocation of the Tree of Life, a symbol of the soteriology domain, the object of study, among other topics, of the historian Mircea Eliade.

Keywords: Amazonian literature. Existentialism. History of religions.

* Licenciado em Letras – língua e literatura portuguesa, pela Universidade Federal do Amazonas. E-mail: danielatroch@bol.com.br

** Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia, professora da Universidade Federal do Amazonas.





Introdução

Publicado em 1963, *Alameda*, livro de contos com o qual Astrid Cabral debutou na cena literária nacional, conta com um artifício de considerável originalidade: a projeção dos anseios humanos no reino vegetal, tendo como personagens flores, árvores, frutos etc., todos enredados em tramas intensamente dramáticas. Tal recurso proporcionou à autora a possibilidade de libertar seus personagens dos aspectos sociais e fisiológicos inerentes ao homem, para expressar apenas o ser que sente. O existencialismo de Jean-Paul Sartre, filosofia subjacente aos contos de *Alameda*, lida com as questões mais profundas da existência, toca no cerne da constituição da alteridade humana, circunstância possível, na obra de Astrid Cabral, mediante o distanciamento daquilo que, em nós, é superficial, através da projeção dos dilemas humanos no reino vegetal.

Quando nos perguntam: quem é você? Prontamente respondemos: chamo-me fulano (a), tenho tantos anos e sou homem ou mulher, exerço determinada profissão etc. Trata-se de dados, em grande parte, “externos” a nós, que partilhamos com milhares de indivíduos, apesar de, indubitavelmente, influenciarem muitos aspectos de nossas vidas.

Segundo Sartre (2001), no homem, a existência, que se identifica com sua liberdade, precede a essência: somos nós que devemos criar os valores que nortearão os nossos atos, através da liberdade da qual gozamos, como seres pensantes. Ou seja, o homem se autoedifica, nos limites das determinações físicas, psicológicas ou sociais que pesam sobre ele. Para o filósofo, não existe uma natureza humana da qual nossa existência seria um mero desdobramento. O cerne do existencialismo é a liberdade, pois cada indivíduo é definido por aquilo que faz.

Astrid Cabral, com a metáfora que é a situação do vegetal “travestido” de ser humano, sem nome ou qualquer outra atribuição social, objetiva capturar o ser em si, a existência interior despida dos aspectos culturais e fisiológicos, fatores extrínsecos que podem eclipsar o nosso olhar sobre o quinhão subjetivo, pessoal e inalienável de cada ser humano, a parcela de liberdade que está livre de condicionamentos, onde reina absoluto o livre arbítrio.

Além das situações existenciais supracitadas, a imaginação poética de Astrid Cabral nos proporciona imagens que significam intensamente e símbolos provenientes dos redutos mais misteriosos da psiquê humana. De considerável relevo no conto “A



orquídea da exposição”, é a evocação da “Árvore da Vida”, símbolo do domínio da soteriologia¹ que, segundo Mircéa Eliade (2002), além de mediador entre as dimensões do sagrado e do profano, remete diretamente ao Jardim do Éden, palco da indisposição entre Deus e o homem, situação arquetípica originária do nosso irremediável sentimento de nostalgia.

Para nossa análise, escolhemos o referido conto, por ser um dos mais emblemáticos textos da coletânea, pois congrega em si boa parte das características encontradas nos demais contos, além de ser um dos mais belos.

Uma Viagem Transcendental?

Logo no início do conto, a orquídea entrega-se, sem muita resistência, à aventura que prometia ser o transplante do ambiente onde vivia para o lugar indefinido que a vontade humana lhe reservava, ela “Desprende as raízes [...] e se confiou sem demora às mãos do desconhecido.” (CABRAL, 1998, p. 153) Segundo Sartre (2001), a consciência se define a partir da descoberta do outro, donde são extraídos os próprios parâmetros de autoconsciência. Quando a narrativa aponta que a planta

sentia-se bela, veludosa, e uma incontida faceirice impelia-a a lugar de grande evidência onde o seu lilás-roxo e o seu talhe de borboleta fossem gabados com cantos mais variados que o refrão daquele bem-te-vi desconhecido (CABRAL, 1998, p. 153).

O que se pode inferir é que ela acreditava que a seletividade de quem a colheu do seu ambiente original baseou-se no fato de considerá-la, de alguma forma, excepcional, o que, na orquídea, traduz-se no revigoração de uma ideia que ela fazia de si, e que foi reforçada pela escolha do homem em levá-la embora: a de que era bela. Isso a impele ao desejo de que a sua beleza seja legitimada por outros indivíduos, além do homem que a tomou nas mãos e dos seres que corriqueiramente cantavam sua beleza.

A “[...] nostalgia de alguma viagem” (CABRAL, 1998, p. 153), que foi um fator determinante na entrega da planta às mãos do homem, reforçada pela imagem da árvore gigante “[...] capaz de inverter as distâncias [...]” (CABRAL, 1998, p. 154),



onde a orquídea desejava habitar, em seus devaneios, são os indícios da nostalgia do paraíso que permeia o imaginário dos homens: um dos “desejos” mais antigos a residir em sua psiquê, e também um dos mais frequentemente evocados, pois, segundo Mircéa Eliade (2002), “toda nostalgia deriva da nostalgia do paraíso”, e o homem, não raro, é assaltado pelo sentimento de nostalgia. Quando a orquídea pondera que, apesar de ser “[...] amável conviver com as nuvens [...]” (CABRAL, 1998, p. 154), isso é uma impossibilidade em razão do seu “[...] raquitismo congênito [...]” (CABRAL, 1998, p. 154) e da inexistência de alguém capaz de colocá-la nos galhos da majestosa árvore, temos elementos o suficiente para afirmar que a planta “rememorava” o paraíso perdido, pois a árvore evocada em seus pensamentos é a “Árvore da Vida”, mediadora entre os mundos, com os galhos nos céus, as raízes no submundo e o tronco vertical servindo de mediador entre ambos os polos. Essa árvore que une as três regiões cósmicas (terra, céu e inferno) se encontra no centro do mundo, a partir de onde tudo foi criado por Deus. Mircea Eliade (2002) afirma que todo ser humano tende para o centro que lhe confere a “realidade integral, a sacralidade”; trata-se do desejo de ultrapassar a condição humana e reencontrar a condição divina, anterior à queda, quando Deus se retirou aos céus abandonando o homem no mundo.

No momento em que a orquídea desiste de inquirir às orquídeas desabrochadas a respeito do seu destino, concluindo que “[...] a vida das flores é demasiado breve para acumular experiências”. (CABRAL, 1998, p. 154), temos a descoberta da finitude dos seres de que fala Sartre. A partir daí, na trama, além do elemento nostálgico e da importância do jugo alheio, nos deparamos com a busca de um significado para a vida; essa tomada de consciência do caráter efêmero da existência é o elemento central que desencadeia a busca de sentido. Para Sartre (2001), o homem é um ser no qual “a existência precede a essência”, esta última é definida pela tomada de consciência. Quando o ser torna-se capaz de divisar um horizonte no qual não exista mais, passa a se preocupar com o objetivo geral da sua estadia no mundo, além de poder adquirir um medo efetivo da morte, como no momento em que a orquídea entra em pânico pelo fato da ponta de cigarro em brasa que um fotógrafo displicentemente jogou em seu jarro. O fenecer é consideravelmente penoso para uma criatura que ainda não realizou o seu ideal de existência, no caso da planta: ter os atributos físicos reverenciados universalmente.



A parte final do conto de Astrid Cabral encarna perfeitamente o postulado “nós somos aquilo que fazemos do que fazem de nós”, proferido pelo filósofo existencialista. A orquídea elegera como finalidade de sua própria vida a beleza: “[...] sua razão de viver era ser bela, e se não era, para que vingara? Tantas as flores que abortam a apodrecer nas sementes debaixo do chão ou da água!” (CABRAL, 1998, p. 157); os julgamentos antagônicos lançados pelos expectadores da exposição (ora a elogiando, ora a depreciando) punham em xeque o sentido existencial encontrado pela planta, levando-a ao paroxismo de desejar a morte, não fosse alcançada a sua meta de deleitar o próximo. Até que, em determinado momento, uma menina deseja adquiri-la por considerá-la “[...] a mais linda de todas” (CABRAL, 1998, p. 157) as plantas. Isso faz com que arrefeça o estado depressivo no qual a orquídea havia mergulhado. A mãe não a compra para a menina, o que é irrelevante para a planta; mais vale o julgamento promissor que ela fizera, ademais, para a orquídea, outra mudança só valeria à pena quando lhe garantissem que a árvore gigante de fato existe. Aqui fica evidente que a primeira jornada fora com esse fito: retornar ao tempo sagrado que precede a “queda”.

Novamente a planta é assaltada pelo veredicto alheio acerca da sua beleza:

A voz da menina devolvera seu bem-estar. Estava alegre de novo. Bonita, bonita! Mas se outros achavam-na feia? A dúvida lhe tomava a alegria, lhe dava a tristeza, lhe tomava a tristeza, lhe dava a alegria. Vozes elogiosas e reprovantes se misturavam. Alguém mentia. Quem? (p. 158)

A orquídea se vê tão suscetível aos julgamentos dos outros que, como afirmou Sartre (2001) em relação à condição humana, sente-se impossibilitada de edificar uma autodefinição alheia ao conceito que os demais fazem dela, pois, como assevera o filósofo, “O outro é o mediador indispensável entre mim e mim mesmo” (SARTRE, 2001, p. 290), ele é “[...] esse eu-mesmo do qual nada me separa, absolutamente nada, exceto sua pura e total liberdade [...]” (SARTRE, 2001, p. 348). Quando, nos últimos momentos do texto, a planta afirma não saber quem, afinal, são os “mentirosos”: os que reconheciam sua beleza ou os que a achavam feia, temos aí o impasse que desemboca na conclusão de que o melhor é construir a própria verdade. Mas também esta não é confiável, pode não passar de um equívoco: se a verdade pura existe, ela só pode ser “[...] vista daquela árvore, maior que a





maior das montanhas” (CABRAL, 1998, p. 158), ou seja, no firmamento: a morada de Deus.

Conclusão

No conto “A orquídea da exposição”, fica evidente o sentido de desespero atribuído por Bernadette Abrão ao existencialismo sartreano, segundo ela,

A obrigação de ser livre gera a angústia, que deriva do sentimento de não estar predestinado, de ter de optar construindo ao mesmo tempo o fundamento da opção. E optar por uma alternativa é ao mesmo tempo aniquilar todas as outras. É esse excesso de poder sobre si mesmo que gera o medo, e gera também o desejo de alienar a minha liberdade. Esse desejo provoca uma espécie de afastamento de si mesmo, como se a pessoa pudesse fingir ser, em vez de ser. O alheamento voluntário de si é também uma forma de má-fé, pela qual eu deixo a existência “fluir” sem ter de tomar decisões a respeito. Mas a decisão já foi tomada, mesmo que ela tenha sido a de me conformar a tudo. O existencialismo de Sartre produz assim uma ontologia intrigante: a existência é definida em princípio pelo não ser, pelo nada. Tudo está por fazer, e o homem será o futuro que puder construir (ABRÃO, 2004, p. 450).

As escolhas da orquídea, desde a sua partida do lar, até a resignação final frente à opinião pública acerca dos seus atributos físicos, desembocam na certeza de que todos os parâmetros que servirão de alicerce no decorrer de nossas vidas são edificados por nós, ou seja, são precários, oscilam ao sabor de nossa instabilidade, conclusão que leva a planta a recorrer ao transcendental, representado pela árvore donde se pode vislumbrar o imutável, o real, em contraponto à volubilidade do nosso mundo. Trata-se de depor as armas e se entregar à provisão divina, mas essa entrega já é, em si, uma escolha, ainda que ela busque prescindir de todas as outras, o que nos leva a evocar o masoquismo que, na visão de Sartre,

[...] é um perpétuo esforço para nadificar a subjetividade do sujeito fazendo com que seja reabsorvida pelo outro, [...]



este esforço é acompanhado pela fatigante e deliciosa consciência do fracasso, a ponto de ser o próprio fracasso aquilo que o sujeito acaba buscando como sua meta principal. (SARTRE, 2001, p. 472).

Na trajetória da planta, esse fracasso se traduz em prescindir da própria subjetividade, em atribuir à sua condição de vivente “decaído” a responsabilidade por sua perdição, em projetar na antinomia Homem/Deus, Sagrado/Profano, Céu/Terra, o seu desencontro com a vida, que desde o início do conto se expressa através de seu desejo por habitar o inabitável, o tronco sagrado da “Árvore da Vida”, ideia reiterada no fim do texto.

Nota

1. Parte da teologia que se ocupa da salvação do homem.

Referências

ABRÃO, Bernadette Siqueira. *A história da filosofia*. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 2004. p. 445-450.

CABRAL, Astrid. Alameda. Manaus: Valer, p. 151-158. 1998.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. Traduzido por Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada – Ensaio de ontologia fenomenológica*. 10. ed. Traduzido por Paulo Perdígão. Petrópolis: Vozes, 2001.